

COMPRA

raro

Collecção Silva Vieira



A Dança em Portugal

POR

Alberto Pimentel

R. 144532

ESPOZENDE
1892

BA.
1017-15

 (DO REPORTER) 



A dança em Portugal começou pelas ruas, e só mais tarde se aristocratisou nas salas.

No *Cancioneiro de D. Diniz* allude-se muitas vezes á *baylia* ou *baylada*, que se realisava, bailando e cantando, ao som da citula e do adufe. Os bailes moiriscos de que se conservam ainda vestigios no Alemtejo, eram uma tradição generalisada, nas festas ao ar livre, e o seu caracter popular affirma-se pelo facto do rei D. Pedro I bailar pelas ruas de Lisboa com os cidadãos e mestieiraes que o acompanhavam com danças e trebelhos.

Foi só no reinado de D. João I que a dança se nobilitou entrando na côrte, por occasião do casamento d'este rei, no Porto, com D. Filippa de Lencastre, em 1387.

Esta inesperada nobilitação da dança viria certamente de fóra, por espirito de imitação, pois que dois annos antes, nas festas do casamento de Carlos VI, em Amiens, com Izabel de Babiera, houve baile na côrte de França, e é o primeiro de que na historia franceza se encontra noticia circumstanciada.

Como quer que fosse, Fernam Lopes deixou memoria das bodas d'este principe da tavola redonda, um segundo rei Arthur, que primeiro se chamou simplesmente mestre d'Aviz,

Descrevendo o *banquete*, em que «houve assaz de iguarias e de desvairadas maneiras de manjares,» accrescenta: «Emquanto o espaço de comer durou, faziam jogos á vista de todos homens que o bem sabiam fazer, assim como trepar em cordas, e

tornos de mezas e salto real, e outras cousas de sabor: as quaes acabadas *alçaram-se todos, e começaram a dançar e as damas em seu bando cantando arredor com grande prazer.*»

Quem dançou? Foram os volatins chamados a recrear a côrte ou foi a propria côrte que dançou? O dr. Ribeiro Guimarães, no *Summario de varia historia*, propende para esta ultima hypothese, e eu tambem, attentando nas palavras de Fernam Lopes—*alçaram-se todos*; os que estavam á mesa, naturalmente.

O reinado de D. Duarte é um breve parenthesis de tristeza e luto, aberto nos costumes da côrte. D. Duarte era um melancolico e um erudito; amava mais os livros do que os bailes.

Mas no reinado de seu filho Affonso V, reapparece a dança na côrte por occasião do casamento da infanta D. Leonor com o imperador da Allemanha. Diz o auctor da *Historia dos desposorios de Frederico III com Leonor Lusitana* que a primeira chorea a dan-

çou a noiva com sua cunhada a rainha de Portugal.

A lição das chronicas ensina que era costume bailarem as damas com as damas. Não se tinha ainda attingido o que a dança tem de melhor: a promiscuidade dos sexos.

O leitor compartilhará de certo esta minha opinião; estou d'aqui imaginando a cara que faria, se o condemnassem a dançar... commigo!

No reinado de D. João II, apesar das profundas alterações politicas da côrte quando se fizeram as grandes festas de Evora para celebrar o casamento do malogrado principe Affonso, com a infanta de Castella, D. Izabel, houve no paço sarau dançante: dançou o rei com a princeza, e as damas com os cavalleiros.

O reinado de D. Manoel é o periodo aureo da vida galante em Portugal. A alegria desfraldava ás brisas da côrte as suas velas côr de rosa, e navegava foz-em-fora. Gonçalo Mendes Çacoto escrevia a uma dama, que

lhe pedia informações da vida da côrte:

Bom escrever, bom fallar,
Motejar e saber rir,
Bom dançar e bom bailar,
As cousas que são de olhar
Sabêl as mui bem sentir.

De D. João III sabe-se que, apesar do seu character sombrio, não lhe repugnava a dança: elle proprio dançava.

O Conde de Vimioso menciona que, no reinado de D. João III, houvera dois serões de dança em Almeirim, que era então o sitio predilecto da côrte.

Um, por occasião das bodas de Carlos V com a infanta D. Isabel, dançando a rainha de Portugal com a noiva, e *el-rei* e os infantes. D. Luiz e D. Fernando com varias damas. Outro, por occasião do casamento da infanta D. Maria, filha de D. João III, com o principe Philippe, filho de Carlos V: «fazendo-se em Almeirim um magnifico sarau na noite do Espirito Santo, em que se

celebraram aquelles desposorios; dançou elle (o infante D. Luiz), com D. Constancia de Gusmão, dama da infanta D. Maria; e na tarde do outro dia, repetindo-se o mesmo sarau, tornou a dançar com D. Anna da Guerra, dama da rainha; e no terceiro, continuando-se aquella festa, dançou com sua mesma irmã, a infanta D. Maria.»

Quanto a D. Sebastião, se se houver de dar credito a uma chronica que eu extratei do livro *Atravez do passado*, promovia varios ajuntamentos para seu divertimento, e organisou em Carnide um baile de *costumes*, decerto para avistar-se e bailar com a filha do duque de Aveiro.

No tempo dos Filippes o gosto pela dança ateiou-se em Portugal. O snr. Theophilo Braga cita um opusculo de Juan de Esquivel, de 1642, encarecendo o gosto que Philippe II tinha pela dança. Conta-se que D. João de Austria viera da Hollanda a Paris unicamente com o proposito de ver Margarida de Bolo-

nha dançar um minuete, o famoso minuete de que Luiz XIV gostava tanto, e que principia a ter voga no seculo XVII. Na côrte de Filippe IV, um dos mais famosos bailarinos era o duque de Lerma, primeiro ministro do rei.

Talvez com o proposito de apagar os vestigios da côrte hespanhola, ou por qualquer outro motivo, a dança decabiu depois da restauração. Conta Antonio Rodrigues da Costa que, quando o conde de Villã Maior, depois marquez do Alegrete, foi com a embaixada portugueza á côrte do Palatinado do Rheno pedir para D. Pedro II a mão da princeza Maria Sophia, de Neuburg, «a Senhora Eleitriz... tirou por varias vezes a dançar a João Gomes da Silva, filho do conde embaixador, e ao visconde de Barbacena, que, supposto pretendem escusar-se com o *pouco uso que d'aquella arte havia em Portugal*, foi forçoso obedecer aos soberanos rogos de sua alteza.»

Durante o seculo XVIII, secu-

lo de commoções politicas em toda a Europa, por causa da revolução franceza, a dança não deixou nunca de estar em moda.

E é notavel a circumstancia de que, n'um seculo de atrocidades grosseiras, como esse foi, a dança conservasse um character de galante delicadeza, que não se ultrapassou ainda.

Sirva de exemplo o *minuete*, essa finissima dança, que se tornou o prototypo choreographico do seculo XVIII, e que parece ser originaria do Poitu.

O seu rythma vagaroso, a tres tempos, as mesuras elegantes, que eram uma formula aristocratica dos salões,

Feita a geral cortezia
Pé atraz, segundo a moda,

diz Nicolau Tolentino, tornavam o *minuete* uma dança encantadora, brilhante de fidanga composutura de maneiras.

O pittoresco dos trajés, nas damas, os decotes, os vestidos curtos e de pouca roda,

os cabellos altos e empoados, quasi sempre ornados de perolas, como se vê ainda nos retratos de D. Maria I; nos homens as longas cabelleiras pendentes, as casacas compridas, os largos peitilhos encanudados, as alvas meias justas á perna, os sapatos com grandes fivelas douradas á la Chartre, realçavam o conjuncto gracioso d'esses grupos de damas e cavalheiros, que descreviam lentamente as evoluções do minuete, segundo os cavalheiros, com o braço erguido, nas pontas dos dedos, a mão da dama.

As medidas, que eram o grande *tic* do minuete, e que hoje parece quererem resuscitar, tem uma origem, que o *Archivo popular* assignala.

«Esta cortezia das senhoras procedeu do costume, que havia na côrte de nossos reis, onde, e deante dos quaes, quando havia serão ou saráu, dançavam os reis, rainhas, e damas com os fidalgos; e para isso eram as damas e donzellas do paço ensina-

das por mestres a dançar; e porque a certos passos faziam pausa, abaixando-se direitas e com o rosto direito com acatamento às pessoas reaes, quando chegavam a ellas, chamavam a essas pausas medidas, mensuras, e depois mesuras ou misuras, porque, com passos certos e medidos da dança, se faziam: pouco a pouco se fôram essas pausas, ou mesuras airozas, que se faziam aos reis por cortezia, estendendo a outras pessoas em mostra de reverencia e civilidade; a qual se faz a pessoa superior abaixando um pouco a cabeça, e a igual com o corpo e rosto direitos.*

Saber fazer a misura era o mesmo passar o Rubicom no minuete.

Marcel, um mestre de dança que ficou celebre na historia dos salões francezes, dizia de uma vez a certa duqueza:

—*Madame, vous venez de faire la révérence comme une servante!*

Ha dois minuetes que me dão ainda toda a impressão historica

dos salões do passado: é o minuete de Boccherini, que já por duas vezes ouvi adejar nos violinos da *Associação 24 de Junho*, e o minuete de Gonçalves Crespo, em que vejo resuscitada a açafata de D. Maria I, que

A sorrir, deslisou graciosa no tapete,
Dançando airosamente o airoso minuete.

A dança fôra a paixão, o grande entusiasmo do seculo da revolução franceza!

Tolentino, descrevendo o peralta do seculo XVIII, mostrou-o encostado ao balcão dos cafés.

Ahi em regras de dança
Com outros taes conversando.

Como que está a gente vendo ainda cahir da mão de uma dama do seculo passado, durante o minuete, o seu pequenino leque, *marotinho* como então se dizia, e apanhal-o o cavalheiro, fazer pé atraz para entregar-lh'õ, e a dama recebel-o misurando

longamente.

Uma saudade ao minuete.

O seculo actual poz em moda os bailes de *costumes*, que aliaz se inauguraram por occasião do casamento do principe D. João, depois VI de nome, com D. Carlota Joaquina.

Em 1823 deram-se no theatro do Bairro Alto, a S. Roque (onde hoje està a Companhia dos trens) os primeiros bailes de mascaras publicos.

Em 1828 chega D. Miguel, que, na sua qualidade de principe de *sport*, era pouco dado a danças. Conta um auctor contemporaneo que no paço se passavam as noites fazendo jogos de prendas, e que o rei queria sempre sentencias os parceiros que cincavam, sendo muito da sua predilecção a pena *da palmatoria*, pela repugnancia que as damas e os velhos cortezãos manifestavam em abrir a mão para receber a palmatoada.

Quando em 1836 resuscitaram em S. Carlos os bailes de mascaras, o publico festejou-os

com a extranhesa de uma variedade.

Será ocioso fallar das danças que hoje teem maior voga entre nós. Limitar-nos-hemos, portanto a rastrear hypotheticamente a origem d'algumas. A contra-dança parece ter provindo da Normandia, e haver sido primitivamente uma dança de camponezes, segundo a designação ingleza de *country-dance*. A valsa, segundo Fétis, é allemã; mas Charles Joliet sustenta que é franceza. Lá decidam. A polka suppõe-se polaca, talvez mesmo da palavra *polacca* ou então do bohemio *pulka*, metade, por ser uma dança a dois tempos. Hoje está um pouco votada ao ostracismo, seguindo o caminho da schottish, que desapareceu. Em Hespanha ainda se dança a polka, que apparecia personificada no *Processo do can-can*:

Soy la noiva del lancero,
Soy gentil, la Polka soy,

mas a dança mais predilecta dos



nossos vizinhos é a redowa, que elles consideram dança sem par, como tambem se dizia no *Processo do can-can*:

Bailando redowa,
Que és dança sin par.

O *cotillon*, tão querido no nosso tempo, parece que já era usado entre nós no seculo XVIII a julgar por esta referencia de Tolentino:

Toca-lhe mil contra-danças;
Mas se não tiverem dom,
Entre ellas não sevendijos
O figalço *Cotilhon*.